



Os ruídos comunicacionais na Pós-Modernidade: barreiras pessoais, físicas e semânticas para uma comunicação efetiva¹

Marla FREIRE²

Rakel de Alencar Araripe Bastos CAMINHA³

Liliana Rodrigues da SILVA⁴

Faculdade Martha Falcão (FMF), Manaus – AM

RESUMO

Os ruídos e barreiras comunicacionais são um desafio comunicacional muito antigo, no que consiste legitimar genuinamente a linguagem. A adaptação do método comunicativo-linguístico do indivíduo com o meio social é um processo que ainda alimenta várias teorias no que diz respeito à interação do ser humano com o coletivo. Através de gerações – desde a pré-história até os dias de hoje – ruídos comunicacionais gerados ao redor de todo o mundo subtraem da mensagem gerada pelo emissor o sentido genuíno enviado ao receptor. É importante aprofundar-se nos aspectos que geram esse lapso entre emissor/receptor da mensagem, através de um delineamento do meio sociocultural em que vivemos, e quais são as consequências já vistas no mundo Pós-moderno do século vinte e um.

Palavras-chave: ruídos; barreiras comunicacionais; mensagem; emissor; receptor.

INTRODUÇÃO

A comunicação permeia todo o processo de evolução humana, e baseia todos os tipos de relações psicossociais que conhecemos. Desde os primeiros homens das cavernas, que se baseavam numa comunicação extremamente primitiva - não obstante, eficaz no que consiste legitimar costumes e crenças de um grupo - é percebido que comunicar é uma necessidade permanente da condição de nossa espécie. Para além da comunicação, temos também alguns outros aspectos que tornam a área muito delicada de ser estudada, como por exemplo, as barreiras e os ruídos comunicacionais. Podemos imaginar o cotidiano de um “homem das cavernas”. Basicamente a sobrevivência, baseada na tríade da caça, autoproteção, e procriação, gerava uma mensagem a ser disseminada entre os demais da tribo.

¹ Trabalho apresentado no IJ 8 – Estudos interdisciplinares da comunicação do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte realizado de 28 a 30 de maio de 2015.

² Aluna acadêmica do quarto período do curso de PP da FMF. E-mail: marlafreire@hotmail.com

³ Aluna acadêmica do quarto período do curso de PP da FMF. E-mail: rakeldealencar@hotmail.com

⁴ Mestrado em Ciências da Comunicação. MBA em Comunicação Empresarial e MKT pela Universidade do Norte – UniNorte. Pós Graduada em planejamento Estratégico Empresarial pela Universidade Federal do Amazonas. Bacharel em Comunicação Social – habilitação em Publicidade e Propaganda pela Universidade do Norte UniNorte. Professora de Comunicação Social da Faculdade Martha Falcão e Executiva de Contas da Oana Publicidade.



Isso fez com que esses homens criassem suas bases de comunicação dentro de uma linguagem verbal, não escrita, que era passada tradicionalmente por gerações. Tudo que se sabia precisava ser cuidadosamente passado através de histórias narradas por todos da tribo, seus principais líderes e xamãs. Esse tipo de linguagem, no entanto tende a se perder no tempo, e pouco se sabe das lendas e mitos das tribos pré-históricas. Ao nome dessa perda, extravio, ou adulteração da mensagem, daremos o nome de ruídos.

A sedentarização - gerada pelo surgimento da agricultura e conseqüentemente pelo fim do nomadismo - permitiu o assentamento real do homem como ser social e comunicacional, com normas de convívio em conglomerados urbanos. A medida que o mundo evoluía, evoluía paralelamente os meios comunicacionais, e com isso, acreditava-se que a influência dos meios de comunicação sobre a sociedade é globalmente positiva.

Mas qual a relação do homem com os ruídos comunicacionais? Atualmente, no mundo moderno - entrecortado por meios quentes e meios frios - os ruídos comunicacionais são cada vez mais diversos e indecifráveis. Mesmo com o avanço tecnológico, estamos a usar elemento que interferem no processo de compreensão da comunicação. Basta olharmos para os novos aspectos comportamentais de nossa sociedade quanto a utilização de mídias sociais. Algumas pessoas só conseguem exprimir seus pensamentos utilizando juntamente à frase símbolos, conhecidos como “emoticons”, que reproduzem faces humanas com reações diversas como alegria, raiva, sono, e até mesmo paixão. As relações humanas acabam sendo modificadas e até mesmo prejudicadas; seja por falta de comunicação efetiva ou até mesmo por excesso de informação que pode provocar danos ou desvios de mensagem, onde o receptor entende de forma inexata o que foi dito pelo emissor.

O objetivo desse artigo é debater sobre os ruídos comunicacionais em relação à atual conjuntura da sociedade pós-moderna do século XXI, haja vista que o processo de comunicação sofreu uma mudança entre espaço-tempo e tornou-se muito mais rápido do que há alguns anos atrás. Busca-se entender a relação entre espaço (meio que se vive) e pessoas (se relacionando dentro de uma realidade temporal semelhante) e quais são as barreiras que encontram ao tentar travar uma comunicação efetiva.



1. OS PRINCÍPIOS DA COMUNICAÇÃO

O estudo do processo de comunicação precisa ser muito aprofundado, por ser difícil de definir. A palavra comunicação deriva do termo latino *communicatione* que deriva da palavra *commune*, que significa comum. Seguindo o conceito etimológico, podemos afirmar que comunicar é tornar algo em comum, a partir da relação entre seres vivos que criam processos simbólicos para que possam se comunicar. Mas comunicar o que? Comunicar o que quer que seja símbolo. Comunicar é gerar, receber e transmitir informações através de uma mídia que serve de canal para determinada mensagem.

Visto isso, entendemos a comunicação como o processo de troca de significados entre indivíduos por meio de um código comum – signos, sinais, símbolos, linguagem falada ou escrita. Envolve a transmissão de mensagem entre uma fonte e um destinatário. A partir dessa concepção vemos delineados os dois principais personagens do processo de comunicação, o transmissor ou emissor - que é a fonte da informação - e um receptor, ao qual se dirige a mensagem. Esse processo se dá através de um meio que denominamos canal.

Divide-se então a comunicação em duas partes. A primeira parte é a comunicação como processo, em que comunicadores trocam propositalmente mensagens codificadas (gestos, palavras, imagens) através de um canal, num determinado contexto, e que gera determinados efeitos. E a comunicação como uma atividade social, onde as pessoas, imersas numa determinada cultura, criam e trocam significados, respondendo, desta forma, à realidade que cotidianamente experimentam. (SOUSA apud Jorge Pedro, 2006, p. 22)

A comunicação é indispensável para a sobrevivência dos seres humanos e para a formação e coesão de comunidades, sociedades e culturas. E o processo do nascimento da linguagem verbal expõe bem isso. A existência da expressão verbal é baseada em convenção entre o nome e a coisa nomeada. Cria-se um acordo sobre como tal coisa deve se chamar.

Podemos ver o processo da comunicação intimamente ligado à existência da percepção humana e à semiótica. Segundo a linguística de Ferdinand de Saussure (1857 – 1913), o estudo da linguagem não deve ter por objeto o discurso propriamente dito, as regras e convenções que permitem à língua operar, ou seja, na lógica oculta rege a fala de quem se expressa. O interesse da “semiologia” é conhecer a estrutura da língua, aquilo que é comum a todos os falantes e que age no nível inconsciente.



A palavra “pai”, por exemplo, revela uma série de aspectos da estrutura de parentesco, tais como sexo, idade, atribuições, deveres, inserção numa cadeia hierárquica etc. Isso porque as palavras não são sons escolhidos aleatoriamente, mais um meio de pensar e dominar a realidade, referindo-se a situações concretas que envolvem sentimentos, obrigações, alianças, conflitos, hostilidades. A esse conjunto de implicações Lévi-Strauss dá o nome de “complexo de atitudes”. O homem, na maioria das vezes, não tem consciência de todos os fatores que intervêm em suas relações sociais, nem de maneira como se articulam na estrutura social. O desvendar dessas implicações só é possível pelo método linguístico, que identifica justamente a organização inconsciente e significativa da linguagem. (COSTA apud CRISTINA, 2005, p.162)

Ou seja, o processo de comunicação permeia por várias diretrizes como a linguística, a semiótica, os processos de evolução social, a tecnologia. Enquanto o homem vivia no estado de barbárie – cidades organizadas sem posicionamento político – bastava-lhe para sua sobrevivência sistemas rudimentares de comunicação. Porém a “evolução dos grupos primitivos, formação de clãs independentes, e a consequente necessidade de se entenderem com mais clareza e maior rapidez, determinaram a evolução da linguagem” (Enciclopédia BARSÁ, 2002, p.320)

A evolução das comunicações através da linguagem, no entanto, foi muito lenta durante séculos. Em cada região do globo, seu desenvolvimento funcionou distintamente. Daí se explica o surgimento de diversas línguas, com diferenças tão dissonantes, à exemplo do português para o chinês. Algumas línguas que acompanham o mesmo processo derivatório como as latinas – o português, o francês, o espanhol – encontram algumas semelhanças morfossintáticas, derivadas do processo de formação das grandes sociedades.

A evolução dos meios de comunicação, contextualmente desenvolvidos por Herbert Marshall McLuhan (1919-1980), passou por três etapas. A primeira, o tribalismo, é marcado pela comunicação oral. Em seguida, vemos o surgimento da Galáxia Gutenberg, marcada pelo surgimento do papel e consequentemente da linguagem escrita. Essa etapa marca o início das grandes estruturas sociais e incita o individualismo, pois tirou o homem do tradicionalismo oral tribal. Por fim, vemos o surgimento da Galáxia Marconi, marcada pelo surgimento da comunicação eletrônica global.

A comunicação e os seus processos evolutivos foi tão impactante quanto o processo de revolução industrial. Os modernos meios de comunicação garantem relações mais estreitas entre os diversos povos do mundo. E os meios só existem para



dar suporte e garantir a viabilidade da comunicação e do fato linguístico – seja esse fato verbal ou simplesmente visual. São instrumentos a permitir que a expressão humana se perpetue através da mensagem e de sua recepção.

2. ESTUDO DOS MEIOS: CONTEÚDO E MENSAGEM

Em consenso com o pensador pós-moderno Herbert Marshall McLuhan (1911-1980), o meio pode ser definido como tecnologia, onde se utiliza técnicas para expansão de nós mesmos. O meio importa; sem o meio não existe mensagem, em concordância com esse paradoxo podemos iniciar a compreensão sobre o universo digital que é bem vasto. Um ponto importante é entender a escrita como um meio e que a mensagem da escrita é a fala; e que a mensagem é um meio; então a fala também é um meio, ou seja, o meio é qualquer coisa a partir do qual se emerge uma mudança. A mensagem/conteúdo seria a invenção ou inovação para se introduzir nos assuntos humanos, mas que sempre precisamos olhar além do óbvio e adquirir mudanças para ter um olhar mais crítico.

O meio não pode definir o como se constitui a comunicação, mas pode determinar o conteúdo, afinal afeta o indivíduo de forma direta e a sociedade de modo que a mensagem explícita carregue uma mensagem em si mesmo e desse modo passamos a entender a intensidade que os meios têm em relação à força do pensamento, tecnologias, culturas e até mesmo sentidos. A velocidade do processo comunicacional torna-se cada vez mais complexo e portando de difícil compreensão, cada nova tecnologia cria um novo ambiente como, por exemplo, o WhatsApp que mesmo distante faz o ser humano ser encontrado em qualquer lugar e em tempo real o que faz nossa percepção mudar de forma radical.

O conteúdo de um meio é como uma “bola” de carne que o assaltante leva consigo para distrair o cão de guarda da mente. O efeito de um meio torna mais forte e intenso justamente porque o seu conteúdo é um outro meio. (MCLUHAN, 1964, p.33)

O meio de uma mensagem não pode ser somente um transmissor, o meio não é neutro, o meio é o que se entende por instrumento, e como instrumento cria um formato de ambiente novo onde se encontra interpretações que se aplicam para cada ser humano de forma diferente. Com o estudo do meio, se busca uma mudança profunda no ambiente social e é rompida a forma como se via a tecnologia com adaptação e transformação do conteúdo. O que se entendia apenas por conteúdo e mensagem agora



se aplica a sistema de produção que se moldou e virou de recepção que com a nova mudança se tornou o de resposta e é onde se tem produção, resposta e recepção.

3. ESTUDO DAS RECEPÇÕES: INTENÇÃO E CODIFICAÇÃO

O processo comunicativo implica a emissão de sinais, por gestos, sons ou indícios. A intenção do emissor é que a mensagem seja compreendida ou reforçada por algum elemento linguístico, ou seja, a mensagem chegue ao receptor com sua composição de forma clara. Caso a transmissão da mensagem seja interrompida, ou falhar sua intenção não será atingida.

A codificação é um dos elementos no processo de comunicação, que consiste em transformar conceitos em signo, ou seja, a mensagem não é transmitida com clareza. Dificultando a capacidade de entendimento de grande parte da massa populacional, nesse caso o sinal recebido é extremamente deformado em relação ao sinal original que levará a erros de transmissão. O emissor codifica a mensagem, a mensagem é transmitida via meio de comunicação, o receptor decodifica, o receptor envia o *feedback* para o emissor, ou seja, mensagem e envia a mensagem de volta ao emissor. Claramente podemos classificar a codificação como um ruído comunicacional.

Samira Chulhund recita no livro “funções da linguagem” 1990, p. 9, editora Ática, “Numa mesma mensagem [...] varias funções podem ocorrer uma vez que, atualizando corretamente possibilidades de uso do código, entrecruzam-se diferentes níveis de linguagem, A emissão, que organiza os sinais físicos em forma de mensagem, colocará ênfase, em uma das funções — e as demais dialogarão em subsídio, [...]”. Conforme a citação de Samira Chulhund acima as mensagens são transmitidas de forma simultaneamente, ou seja há uma emissão de mensagem que é compartilhada em vários níveis e frequências de uma só vez. Caso haja uma falha na transmissão e conseqüentemente na recepção dessa mensagem, a mensagem chega de forma codificada ao receptor.

4. BARREIRAS COMUNICACIONAIS

Barreiras comunicacionais sempre estiveram presentes na vida humana, já que o ser humano tem necessidade de se expressar e adquirir conhecimento, mas esbarra em alguns pressupostos comunicacionais indesejáveis. A comunicação humana é um



processo, e como um processo envolve troca de informação. Conforme Margarida Maria Krohling Kunsch (1997) “barreiras são os problemas que interferem na comunicação. São ruídos que prejudicam a eficácia comunicativa”. Barreira comunicacional nada mais é do que a dificuldade criada pela falta de informação completa, as que são baseadas em crenças e até percepção de uma pessoa dependendo do seu estado de espírito. Vale frisar que as barreiras são caracterizadas como externas e internas. “Quando um emissor é interrompido por seu receptor durante o processo de envio de uma mensagem, a própria mensagem e a interpretação dela serão afetadas”(HAL, 1984, p.133)

São diversas barreiras que afetam a comunicação efetiva. Fatores pessoais como personalidade, estado de espírito, emoções, movimento corporal, aparência e os fatores de personalidade como auto suficiência e confusão, e até mesmo os fatores sociais que vem da educação e exposição descuidada afetam de forma indireta ou direta. O comportamento humano é e sempre será parte integrante do processo e importante pra legitimar o processo comunicativo. Segue exemplos:

4.1 FATORES PESSOAIS

Aparência – Esse aspecto, se desvalorizado, contribui para a criação de uma barreira comunicacional, como por exemplo, não se deve ir à busca de um emprego trajando roupas informais demais, pois à primeira vista tal comportamento provoca uma “imagem” projetiva da caracterização do indivíduo que não é positiva, e muitas vezes acaba passando para o entrevistador do processo seletivo que o profissional em questão não é qualificado para vaga à qual se candidatou.

Movimento Corporal – Alguns grupos sociais buscam determinadas ações, criam expectativas sobre algo, principalmente se a sociedade for fechada ou de pouco acesso. Alguns movimentos são tidos como graciosos, outros, como rude. É importante sempre ter noção do espaço que se encontra.

Fluência – Modo que o indivíduo emprega sua fala e o ritmo que fala e usa seu timbre. Por exemplo, pessoas que tem facilidade em se expressar oralmente, dificilmente encontram barreiras comunicacionais ao falar para uma porção de pessoas ou grandes grupos. Geralmente essas pessoas trabalham em posições de liderança, pois tem maior facilidade em lidar com as pessoas. Já pessoas que são menos fluente foneticamente tendem a evitar situações aonde a linguagem oral seja requerida. Tendem



a ser pessoas que trabalham mais numa relação íntima com o objeto trabalhado, e não precisam discursar muito sobre.

Contato visual – O famoso “olho no olho”. Esse processo de comunicação às vezes pode gerar enfrentamento. Pode obstruir a interação e causar pânico e causar alguns momentos embaraçosos.

4.2 FATORES DE PERSONALIDADE

Barreiras podem ser divididas em pessoais, físicas, semânticas e fisiológicas. Se há barreira na comunicação o receptor não consegue entender o que é dito pelo emissor ou acaba entendendo de forma deturpada. A barreira se inicia a partir do momento em que se tem informação escassa ou excesso dela, quando recebe-se várias informações de forma desorganizada e pouco concreta. É preciso entender a distinção entre três processos que interagem e mudam o processo, os três momentos importantes: O que é dito? Como foi dito? E a forma que se recebe o que foi dito

Auto suficiência – Sujeito que presume saber sobre tudo, tipo de pessoa de difícil interação.

Confusão – Dificuldade de percepção entre realidade concreta e opiniões. Tendência de complicação – Não consegue passar o que lhe é transmitido

Fatores social:

Educação – Impor princípio como certo e absoluto.

Exposição descuidada – Falar de assuntos que não são de interesses do receptor.

Com a internet vivemos bombardeados de informação e não temos tempo de processar o que recebemos de todos os lados – Facebook, WhatsApp, Sms, Ligação - não dá tempo de filtrar o que é essencial e dessa forma a comunicação se torna pouco perceptível e acabamos não interpretando o que nos foi dado, basicamente a percepção depende da expectativa e envolvimento e vale frisar que a percepção é baseada na experiência anterior do sujeito, afinal, percepção e memória são seletivas. A comunicação mais eficaz é a que vai ao encontro da expectativa do receptor, se a motivação for fraca pode haver frustração na comunicação, então desse modo já surge uma barreira e as barreiras são definidas da seguinte forma:

4.3 BARREIRA PESSOAL



É criada a partir de crenças ou até mesmo percepção do ser humano.. Outra barreira pessoal é o preconceito, um bom exemplo é o fato de uma pessoa ter preconceito racial e seu médico ser negro, então, por consequência do preconceito ela não levará a sério o diagnóstico. Outras barreiras sociais são classe social, educação e até mesmo o gênero sexual que define os homens como lógicos e mulheres como intuitivas e abstratas. Apesar de simples ambos os sexos precisam se comunicar claramente a mensagem.

4.4 BARREIRA FÍSICAS

Ruído que é independente de quem os indivíduos estão se comunicando. Barreiras físicas afetam comunicação escrita, como o simples fato de receber uma carta manchada ou desbotada. Música alta, mensagem mal compreendidas, lugares desconfortáveis são outros exemplos de barreira física. Outro exemplo é um chefe não gostar de determinado funcionário e esse mesmo funcionário aparecer com uma ideia sensacional, o mesmo chefe não receberá bem a ideia justamente pela distância e a barreira criado entre ambos e assim vai receber de forma indevida a mensagem passada pelo funcionário.

4.5 BARREIRA SEMÂNTICA

Uso de palavras indevidas entre receptor e emissor de culturas diferentes, diferentes regiões. Pessoas de linguagem diferentes tentando uma comunicação ou até mesmo profissionais de diferentes áreas usando jargões específicos da profissão e gírias de determinadas regiões sendo usadas em outros locais, o receptor acaba por não entender o que lhe foi passado.

4.6 BARREIRA FISIOLÓGICA

Ocorrem por conta das disfunções corporais; deficiência auditiva, visual e distúrbios da fala. Para essas pessoas a comunicação se torna muito mais complexa e requer mensagens claras e diretas. O grande problema da comunicação é nitidamente as barreiras comunicacionais, como citado anteriormente, pelo excesso de informação. O



sucesso ou fracasso de uma empresa depende muitas vezes da capacidade que o profissional tem em relação a comunicação, então, cabe aos profissionais compreender a problemática e os obstáculos para melhorar a capacidade de comunicação dentro da empresa e fora dela.

(Disponível em: <http://www.ehow.com.br/barreiras-pessoais-fisicas-semanticas-comunicacao-efetiva-info_48891/>. Acesso em: 14 de outubro de 2014.)

5. MEIOS FRIOS NA COMUNICAÇÃO

As condições de vida na Terra naturalmente foram encaminhando o ser humano a socializar-se. Os primeiros homens, por exemplo, criaram mecanismos de linguagem para comunicar-se por meio de gestos, desenhos e a fala. A fala é uma forma inteligível de compartilhar conhecimento. Com a descoberta do fogo e da roda, houve um avanço no desenvolvimento humano, espécie de engrenagem à extensão do homem.

A partir de conhecimentos adquiridos ao longo de seu percurso sócio comunicacional, o homem aprendeu a manipular várias matérias primas em prol da criação de produtos e artefatos para sua sobrevivência. Com o ferro foi possível criar ferramentas e máquinas – que auxiliaram no desenvolvimento industrial. O raio, descarga elétrica que ocorre na atmosfera de efeito natural, passou a ser estudado, e serviu de esteio para que pudesse manipular a eletricidade. A eletricidade, por sua vez, dá início a um meio de transmissão de mensagem simultânea e não mais sequenciada. Havia um sistema de produção de informação incerto quanto à recepção da mensagem. A interatividade e *feedback* são quase instantâneos com os novos meios adquiridos após a eletricidade. O homem passa a se relacionar mais com o meio, sendo o meio a própria mensagem.

Herbert Marshall MacLuham foi o percussor dos meios frios e quentes, iniciado em 1964 com a intenção de distinguir as mídias de acordo com o grau de participação do indivíduo. Os meios quentes permitem pouca ou quase nenhuma interação com o público, à exemplo do rádio. No início do século XX, no início do meu meio de comunicação de massa, o rádio, que gera grandes efeitos sobre os seres humanos, utilizando um dos principais escapamentos mental, a audição, que interliga a transmissão radiofônica com imaginação humana. MacLuham recita no livro " Os meios de comunicação: como extensões do homem ": " um meio quente é aquele que prolonga um único de nossos sentidos e em alta definição se refere a um estado de alta saturação



de dados". (1962, p.38)

Os meios frios permite uma maior participação do indivíduo, há uma maior interação, onde muitas vezes os receptores é também o emissor. Exemplos de meios quentes são: Televisão e internet.

A televisão surge na década de 30, num contexto fortemente dominado pelo rádio e cinema, ou seja, imagem e som em um só aparelho eletrônico. A televisão foi recebida com forte ceticismo pelo público. Ao contrario do cinema sua imagem é bem definida.

Apesar do ceticismo, a televisão foi implantada nos países mais ricos da época, Inglaterra, França e em grande escala nos Estados Unidos. Em uma década a televisão firmou-se e passou a fazer parte da vida da maioria dos europeus e americanos. Tornou-se eletrodoméstico mais procurado e consumido pelo público, firma-se e vira o maior meio de comunicação e de transmissão de mensagem massificada.

A televisão é considerada um meio frio por estar presentes nas condições dispersivas de recepção.

Segundo uma pesquisa feita pela Latin Panel, realizada em 2004, 55% dos brasileiros assistem televisa jantando, conversando ou lendo jornal, tonando-se um habito comum deixar a televisão ligada, mesmo que esteja sendo inutilizada.

A linguagem sensacionalista dos telejornais, ilustra a natureza fria da televisão, as informações são mais completas, deixando pouco espaço para a imaginação do telespectador.

6. AS DESCONTINUIDADES NA MODERNIDADE

A história humana sempre foi ensinada e compreendida como uma cadeia linear de fatos e acontecimentos. A ideia perseverante é a de que para se compreender o passado de maneira satisfatória e poder se auto-posicionar como ser humano no contexto sociocultural, é preciso estar ligado a um processo de relativização numérica entre fatos e acontecimentos. Nos livros escolares, por exemplo, temos cronologias obrigatórias à seguir.

Imagine-se numa aula de história. Durante o período letivo, o aluno estuda os assuntos de acordo com a sequência predeterminante de fatos num sentido cronológico indissociável do fato em si. Num estudo sobre civilização grega, são passadas informações como datas (período grego entre 2.000 aC e 1400 aC), e as guerras, vitórias



sociais ou disputas políticas sempre são apontadas e relativizadas com números. No entanto são ignorados fatos culturais primordiais para se compreender à fundo os processos sociais ocorridos no processo civilizatório, social e político do período.

Apesar de predominante esse modelo metodológico de ensino, pode-se afirmar que a história humana é marcada por certas discontinuidades e que seu desenvolvimento não pode ser visto de forma homogênea e linear. Diferente do evolucionismo social, que prediz a história como um enredo pré-ordenado - começando com culturas pequenas, passando por sociedades agrícolas, formação de estados agrários e posterior surgimento das cidades ocidentais modernas – a história não pode ser vista dentro de uma ótica linear totalitária, que ignora processos trivialmente importantes para legitimar o processo de formação social da humanidade.

De acordo com o sociólogo britânico Anthony Giddens, e sua tentativa de compreender o desenvolvimento da modernidade, desconstruir o evolucionismo social significa aceitar que a história não pode ser vista como uma unidade, ou como refletindo certos princípios unificadores de organização e transformação. Mas isto não implica que tudo é caos ou que um número infinito de “histórias” puramente idiossincráticas pode ser escrito. Há episódios precisos de transição histórica, por exemplo, cujo caráter pode ser identificado e sobre os quais podem ser feitas generalizações.

Haja vista o processo de evolução do ser humano enquanto ser social sobra-nos tentar identificar quais são as principais distinções entre as formações das discontinuidades nas instituições sociais modernas em relação às ordens sociais tradicionais. A essas diferenças vamos atribuir a principal distinção comportamental entre os processos pós-modernos e o que era entendido anteriormente.

O que primeiro se observa é o ritmo de mudança. Nas sociedades antigas, as evoluções sociais aconteciam, mas num ritmo muito mais desacelerado do que vemos no enfrentamento da sociedade pós-moderna. A rapidez nas mudanças, vistas o tempo todo, se alia ao fato das tecnologias terem se desenvolvido em uma velocidade incomparável aos períodos anteriores. Viu-se a viabilização da evolução progressiva dos meios de comunicação, onde a rapidez na recepção da informação começou a corresponder eficazmente a sua emissão. Com o aceleração e democratização na transferência de informações, houve também o escopo de mudança. Isso significa dizer que conforme várias áreas do mundo vão entrando em comunicação, ou seja, deixam de ser estranhas umas pras outras e compreendem que vivem em culturas diferentes, mas



ainda sim, dentro dos mesmos parâmetros de existência humana, há uma onda de transformação social. Conexão entre diferentes pensamentos, culturas, sociedades.

Temos um caso recente que ilustra muito bem a atual relação moderna travada entre ser humano e informação. Aproximadamente em 18 de agosto de 2010 o cenário midiático internacional conheceu o que ficou marcado como “A Primavera Árabe”. As mídias sociais, como *Facebook*, *Youtube*, *Twitter*, tiveram papel fundamental na elaboração desse processo emancipatório. O protesto ia contra as condições de vida em que os cidadãos de diversas cidades árabes se encontravam. Não só o descontento do subdesenvolvimento, mas o descontentamento em ser mandado e governado por alguém num mundo onde todos já obtiveram seu lugar ao sol. Caso não houvesse a tecnologia dos meios de comunicação – e nesse caso a *Internet* desenvolveu papel fundamental – a Arábia continuaria isolada do mundo, sem conhecer conceitos como “Diplomacia”, “Direitos”, “Cidadania”, “Democracia”. A rapidez com que a informação chega alterou um processo que possivelmente demoraria para se concretizar sem que houvesse a emissão imediata de informações e a acessibilidade a ela.

Para entender a modernidade e suas transformações, é preciso entender o processo que esse período sofre ao se desprender de questões espaciais e temporais.

Todas as culturas pré-modernas possuíam maneiras de calcular o tempo. O calendário, por exemplo, foi uma característica tão distintiva dos estados agrários quanto a invenção da escrita. Mas o cálculo do tempo que constituía a base da vida cotidiana, certamente para a maioria da população, sempre vinculou tempo e lugar – e era geralmente impreciso e variável. Ninguém poderia dizer a hora do dia sem referencia a outros marcadores sócio espaciais. [...] A invenção do relógio mecânico e sua difusão entre virtualmente todos os membros da população [...] foram de significação-chave na separação entre tempo e espaço. O relógio expressava uma dimensão uniforme de tempo “vazio” quantificado de uma maneira que permitisse a designação precisa de “zonas” do dia [...] O tempo ainda estava conectado com o espaço (e o lugar) até de a uniformidade de mensuração do tempo pelo relógio mecânico correspondeu à uniformidade na organização social do tempo. [...] Todos seguem atualmente o mesmo sistema de datação: a aproximação do “ano 2000”, por exemplo, é um evento global. (GIDDENS, 1991. p. 22)

Como podemos ver nas sociedades pré-modernas o espaço e o tempo sempre andam juntos. Já a atuação espacial e temporal no período pós-moderno é diferente. O espaço e o tempo tornam-se duas equações distintas, já que tem-se a possibilidade de haver relações entre “ausentes” – relações desligadas de interação física presencial em atividades localizadas em determinada localidade. Na modernidade a noção de lugar



torna-se fantasmagórica, ofuscada pela rede ou teia informativa e interativa que a evolução técnica comunicacional oferece.

Enquanto sociedade pós-moderna, a relação que tem-se com a história é necessária, mas precisa ser revista. A inclusão do mundo digital e da constante troca de informação entre toda a população do globo salienta um processo muito mais minucioso e delicado, onde é preciso analisar as estruturas interacionais entre sociedade e associado de maneira isolada. Cada caso, dentro do tempo incerto e turbulento que a pós-modernidade escancara, é uma realidade paralela devida às suas variáveis. O ser humano que vivencia a experiência pós-moderna tem ao seu favor inúmeras mídias aonde obtém o que antigamente era difícil de ser comunicado. Por isso, sua posição de atuação como receptor e como comunicador torna-se totalmente diferente das primeiras relações que precedem o período moderno.

7. A ERA PÓS-MODERNA E A CIBERCULTURA

A era pós-moderna trouxe novos desafios e perspectivas. A cibercultura iniciou com a comunicação através de computadores. O termo cibercultura tem diversos significados, mas podemos dizer que vem da relação entre o meio sociocultural e sociedade. O período que se vive atualmente pode ser entendido como um período em que a mudança e a informação chegam a um ritmo intenso, difícil de ser controlado ou medido inteiramente. Por isso, há várias nomenclaturas para o presente momento. Alguns chamam esse período de pós-modernidade (HARVEY, 1989), Era da Informação (LYON, 1992), Sociedade do Conhecimento (LÉVY, 1994) ou então Sociedade em Rede (CASTELLS, 1999).

Com a era da informação surgiu o florescimento de movimentos sociais e revolução das tecnologias de informação, tendo a informação como a matéria prima fundamental para esse processo. O mundo pós-moderno trouxe mudanças no ambiente familiar, escolar, trabalho e em tudo que rodeia a sociedade. Um bom exemplo de mundo pós-moderno são os simples costumes adquiridos como ir a um restaurante e fotografar a comida e divulgar aos amigos em tempo real, você difunde a mensagem e recebe confirmação de aceitação ou negação em poucos segundos. Os celular, os *tablets*, *smarthphones*, no atual conjuntura pós moderna interligam pessoas de todos os lugares através de um simples acesso à rede digital. Isso gera um crescente acesso a mais informação, mas acarreta consequências, como por exemplo, a dependência



epidêmica das redes sociais. Outro ponto importante é que qualquer um pode utilizar blogs; emails; chats para disseminar informação.

Com a pós-modernidade é facilitado o acesso à informação armazenada em diversos locais como o fato de você poder comprar via internet ou em uma livraria livros do Marx, Freud, Nietzsche ou apenas fazer download via internet. Assim como se ganha com esse acesso rápido a informação também se perde, afinal, nossa mente não é capaz de processar todas as informações em pouco tempo e com isso nos tornamos menos críticos, o ambiente escolar atual passou por mudanças, o aluno vive em um contexto virtual e trás para escola todos os tipos de mídias ao qual tem acesso e com isso acaba não prestando atenção nas aulas. Podemos dizer que há imediatismo na juventude pós-moderna. Para Harvey (2004, p.22) a transitoriedade das coisas dificulta a preservação de todo sentido de continuidade histórica justamente porque o aprendiz da sociedade pós-moderna não sabe mais separar sua vida on-line e off-line.

Alguns costumes foram aderidos com a cibercultura, como o fato de ter uma linguagem própria da internet e páginas ou sites que produzem o próprio conteúdo. Com isso pode-se determinar vertentes do comportamento de cada usuário, pois existe uma variedade imensa de conteúdo. Alguns só produzem informação, outros buscam somente o entretenimento e há quem utilize ambos para disseminar mais informação e ao mesmo tempo ser um site de entretenimento, assim o leitor volta com mais frequência por ser um local onde ele pode se divertir e encontrar informação, mas vale frisar que grande parte das informações publicadas em blogs não tem embasamento científico. De acordo com o Manuel Castells (1999):

(...) a cultura é mediada e determinada pela comunicação, as próprias culturas, isto é, nossos sistemas de crenças e códigos historicamente produzidos são transformados de maneira fundamental pelo novo sistema tecnológico e o serão ainda mais com o passar do tempo. (Castells apud Oliván, 1999. p. 414)

Com isso, Castells quer dizer que as novas mídias de comunicação são independentes dos veículos tradicionais, já que produzem a própria imagem e conteúdo e por consequência interagem diretamente com o emissor e receptor. Assim, qualquer pessoa que tem acesso à informação tem direito de expor o ponto de vista. A cibercultura criou o que chamamos de “Mídia do cidadão” onde qualquer um pode produzir conteúdo, reciclar o conteúdo e distribuir.

8. RUÍDOS COMUNICACIONAIS NA PÓS MODERNIDADE



Imagine-se numa sala de aula. Você está aguardando sua matéria favorita começar. Vamos supor que seja aula de educação artística, e na semana passada a professora avisou que a turma toda faria um trabalho de pintura corporal emocionante. Um tipo de educação experimental a qual ela quer submeter o corpo discente. De repente, entra na sala a coordenadora e avisa pra vocês que uma outra professora, substituta, irá dar aula nesse dia, pois a professora real fraturou a perna. Como de costume, ainda será feito o exercício, mas de acordo com as técnicas e metodologia de outra colega de trabalho. Quando a professora chega na sala, você se surpreende. Imagine só, a professora não é da mesma cidade que você. Pra piorar, nem do mesmo país. A moça é russa, recém-chegada ao Brasil, e não fala nem um pingão do seu idioma. Tudo que ela falar na sala de aula, será incompreensível, salvo em caso de alguém também dominar esse idioma. A comunicação é lesada e nesse momento, e a essa subtração informacional chamamos ruído.

No caso retratado, a falta de interação entre emissor receptor encaixa-se no perfil de ruídos semânticos, aonde a palavra em si não é compreendida em seu significado. Isso pode acontecer quando não se fala literalmente “a mesma língua”, em casos de pessoas que jamais tiveram contato anterior com uma língua nativa e se veem encurralados. O ruído semântico acontece também quando não se domina o significado de uma palavra. Por exemplo, um médico diz a um paciente, que ele sofre de problemas esclerose lateral amiotrófica. Até que ponto a mensagem é recebida conforme emitida? Apenas se o paciente em questão possuir conhecimentos em medicina avançada, caso contrário o médico deverá explicar com outras palavras como se comporta e o que é essa doença.

Não apenas ruídos semânticos, mas uma enorme gama de ruídos são encontrados juntamente a demais barreiras ao longo de todo processo comunicacional. As principais, além da semântica, são os ruídos físicos, ruídos fisiológicos e ruídos psicológicos.

Os ruídos físicos são de origem externa. Ou seja, nada mais do que sons aleatórios presentes dentro de um espaço que interrompem e dificultam o processo informativo. Por exemplo, se duas pessoas conversam no telefone, e, inesperadamente, trabalhadores na casa ao lado começam a bater marretas, a comunicação fica lesada. Não se ouve muito bem o que é dito e às vezes o melhor caminho é realmente desligar o telefone. Já os ruídos fisiológicos são encontrados no processo biológico do próprio



receptor ou emissor. São elementos físico-corporais, como por exemplo, uma dor de cabeça forte, que impede o bom entendimento de uma determinada informação. Ruídos psicológicos, por sua vez, é cada entrave criado dentro da psique, impedindo que o ato da comunicação seja eficaz como deveria.

No mundo pós moderno, as barreiras se tornam inúmeras. Não só a velocidade com que a informação trafega livremente pela teia comunicacional interativa do século XXI, mas a maneira como é recebida e decodificada às vezes danifica o processo informativo. No atual processo social que se vivencia, a velocidade com que as relações pessoais se enovelam e depois se quebram confirma o individualismo do século.

Embora haja acesso ilimitado a todas as redes do globo, as pessoas de um modo geral tem se refugiado cada vez mais em sua própria espécie de “globo”. A relação oral que encontramos nos primitivos métodos comunicacionais dos homens e mulheres pré-históricos, com a passagem narrativa e ancestral de seus costumes, a auto-cooperação no que consiste legitimar a sobrevivência de uma tribo, a divisão de tarefas, tudo isso se perdeu.

Hoje a humanidade depende de uma relação com os meios de comunicação, e muitas vezes não pode sequer competir com sua imponência. Não só os meios convencionais dos tempos modernos, como jornal, o rádio; o início da era digital trouxe consigo a possibilidade do conhecimento infinito. Não obstante, essa possibilidade, que há alguns anos atrás seria considerada impossível, esbarra em problemas de comunicação entre o emissor e receptor.

O individualismo do século explica por parte esse fenômeno. Mas por outro lado precisa-se compreender a dificuldade encontrada no que consiste aproximar os tipos de comunicação. O mundo incita as relações grupais, sociais, porque contém uma grande importância quantitativa enquanto processo midiático social. Mas é focar no processo grupal que ocasiona um lapso no sentido original. A comunicação precisa ser focada dentro de um parâmetro intrapessoal, pois cada ser humano é uma visão de mundo em si. Sendo a linguagem um único meio que encontraram pra se comunicar, é a linguagem e unicamente ela, o único termo em comum em relação ao processo geral.

Por isso, para encorajar a aproximação entre emissor e receptor é preciso aprofundar-se na semiologia morfossintática dos símbolos, signos e estruturas. A teia que mantém unida a interação entre as partes do todo, se não for cuidadosamente trabalhada, visando a melhoria dos processos de convívio e linguagem para uma



comunicação efetiva, pode até vir a se romper. Isso significa dizer que o processo de comunicação iria sofrer um lapso. A comunicação estaria prejudicada.

Numa tentativa de diminuir as diferenças comunicacionais entre os povos do globo, Ludwik Lejzer Zamenhof (1859-1917) criou em 1887 o que ficou conhecida como a língua artificial mais falada do mundo. Sua intenção era criar uma língua de fácil aprendizagem, que servisse como língua global, para que toda a população mundial pudesse falar “a mesma língua”. Essa iniciativa é de grande utilidade, e é uma língua usada até hoje, em viagens, turismo, literatura, e comunicações em geral e também há evidências de que auxilia no aprendizado de demais idiomas.

Isso é importante para recriar os processos interacionais entre os seres de todo o mundo, já que, muito embora as distâncias físicas tenham sido encurtadas, as barreiras emocionais ainda são um grande desafio a lidar no mundo pós-moderno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo presente expôs como seu tema principal os ruídos comunicacionais na era pós-moderna, e concluímos que o ser humano está em constante evolução, porém ainda sofre com problemas comunicacionais oriundos de diversas diretrizes. Os ruídos comunicacionais acompanham o ser humano desde a era pré-histórica, correspondente ao período antecessor à invenção da escrita. Passando por uma enorme modificação nas estruturas sociais correspondentes à evolução da tecnologia e dos meios de comunicação, os seres humanos se adaptaram a novas formas de se comunicar. Atualmente, não obstante, na era pós-moderna - muito embora tal era seja mais fácil se comunicar, pela acessibilidade dos meios e mídias - ainda encontramos na comunicação falhas na comunicação de diversas naturezas.

Cumprimos o principal objetivo proposto, identificamos os efeitos dos ruídos comunicacionais na era pós-moderna. Este artigo foi de grande importância para o nosso conhecimento, pois nos permitiu compreender o universo da comunicação e suas imperfeições, de que modo elas afetam a vida dos seres humanos e como se comportam e correspondem a ela.



REFERÊNCIAS

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. 2. ed. rev. e ampl. – São Paulo: Editora UNESP, 1991.

COSTA, Maria Cristina Castilho. **Sociologia: introdução à ciência da sociedade**. 3. ed. rev. e ampl. – São Paulo: Moderna, 2005.

SOUSA, Jorge Pedro. **Elemento de Teoria e Pesquisa da Comunicação dos Média**. 2. ed. rev. e ampl. – Porto, 2006.

RUSSI, Pedro. **100 anos de McLuhan**. 1. ed. – Brasília: Casa das Musas, 2012.

BERLO, David K. **O processo da comunicação: introdução à teoria e prática**. 7. ed. rev. e ampl. - Rio-Lisboa: Fundo de Cultura SA, 1970.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede – A era da Informação: economia sociedade e cultura**. 2. ed. rev. e ampl. – São Paulo: Paz e Terra, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. **Ensaio sobre o conceito de cultura**. 4. ed. rev e ampl. – São Paulo: Zahar, 2009.

CHALHUB, Samira. **Funções da Linguagem**. 1. ed. rev. – São Paulo: Ática, 1990.

BARSA, Nova Enciclopédia. **Volume 04**. 6. ed. – São Paulo: Barsa Planeta Ltda., 2002.

VICENTINO, Cláudio. **História Geral**. 10. ed. 2. imp. – São Paulo: Scipione, 2006.

ANNAUD, Jean-Jacques. Filme **A guerra do Fogo**. França, 1981.

BRADSHAW, Jamie. Filme **“Branded”**. Rússia, 2012.

WEBGRAFIA

Disponível em: <http://eraumavezchaplin.wordpress.com/2012/02/24/comunicacao-e-pos-modernidade-o-saber-em-crise/>.

Acesso em: 16/08/2014

Disponível em: <http://www.infoescola.com/historia/historia-da-comunicacao-humana/>.

Acesso em: 17/08/2014

Disponível em: <http://www.portaleducacao.com.br/marketing/artigos/53332/exemplos-de-ruídos-na-comunicacao>.

Acesso em: 20/08/2014

Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Pré-história>

Acesso em: 20/08/2014